

Vaidade: dos artistas seiscentistas à contemporaneidade

Isabela de Sousa Nogueira¹,
Orientação: Me. Lindsay Caroline de Brito Ribeiro²

¹ isabela1907@hotmail.com

² lindsay@univap.br

Resumo – Este artigo trata do tema da vaidade desde as obras seiscentistas até trabalhos artísticos contemporâneos e como ela se transforma com esse “passar do tempo”. Da Bíblia Sagrada aos livros de arte atuais, percebe-se que a vaidade está sempre presente no cotidiano do ser humano.

Palavras-chave: vaidade, vanitas, arte contemporânea, consumo, estética.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes – (Artes).

Introdução

A vaidade vem rondando a humanidade de maneira singela e/ou grotesca e está mais presente na vida do ser humano do que ele próprio tem consciência. Com o medo de vivê-la, o indivíduo prefere tampar seus olhos ao aceitá-la. Toda essa repulsa pela vaidade causada pelos “valores morais” de uma sociedade cristã nos leva a pensar em qual contexto ela se encontra na arte e, assim, nessa sociedade ainda cercada por preconceitos.

A etimologia da palavra vaidade está ligada a características daquilo que é vão; que não tem conteúdo e se baseia numa aparência falsa; também se relaciona ao excesso de valor dado à própria aparência, como atributos físicos ou intelectuais, caracterizado pela esperança de reconhecimento e/ou admiração de outras pessoas. Conecta-se também com a ideia exageradamente positiva que alguém possui sobre si mesmo; presunção; gabo¹.

Pode-se refletir a partir deste tema sobre a dificuldade de aceitação pelo ser humano da passagem do tempo e o quanto essa reflexão estimula assuntos relacionados com beleza, idade, vida, morte, luxúria, nos levando a caminhos e, às vezes, respostas inesperadas.

Encontrada na Bíblia Sagrada sob forma pecaminosa e afirmativa de que nada restará, senão Deus, a vaidade faz reflexão sobre a cruel e imutável passagem do tempo, sobre nossas

decisões terrenas, excessos e o quanto eles influenciam o “pós-vida”.

Nos dias atuais, a relação conflituosa entre o homem e a morte não mudou e uma prova concreta disso são as religiões que permanecem intactas levando as mesmas crenças de outrora.

Ainda podemos citar a simbologia de Adão e Eva. Momento em que tomam consciência de sua nudez e por vergonha a cobrem com as folhas de parreira. Esta ação traz a vaidade em forma de se deixar sucumbir ao prazer, sendo esta emoção considerada pecado perante as crenças cristãs. No momento em que Eva se deixa conduzir pela serpente e prova o fruto proibido, mesmo sabendo das consequências, ela o faz, simplesmente pelo fato de sentir o prazer terreno, do que há debaixo do sol, portanto, vaidade.

Comumente apontada com algo ruim ou pecado, a vaidade incomoda o homem, pois se vive da vaidade e dela precisa-se de alguma forma, mas não se quer ouvir sobre. É fato, a sociedade contemporânea vive de imagem e esta é tudo o que o ser humano tem e não quer abrir mão.

Podemos adicionar também à ideia de vaidade o conceito de *Carpe Diem*, a ideia de aproveitar o dia, agarrar o dia. Conceito relacionado à ação do homem de dever aproveitar cada minuto de seu tempo com o conhecimento, que é o que será levado com ele por toda a vida. Porém, no mundo contemporâneo, com o excesso de informações que é adicionado ao ser humano em cada instante, fica impossível acompanhar tudo o que é produzido, gerando um sentimento constante de insatisfação e incompletude.

Segundo Eclesiastes, todo o trabalho humano é inútil e morrerá junto do corpo, inclusive

¹ Disponível em: Dicionário Online (<http://www.dicio.com.br/vaidade/>). Acesso em 04/03/2013.

o conhecimento, sendo visto como vaidade no seguinte versículo: “Tudo é fugaz, uma corrida atrás do vento. Isso é correr atrás do vento, porque onde há muita sabedoria, há muita tristeza, e onde há mais conhecimento, há também mais sofrimento” (Ecl 1, 14).

A Vaidade e suas diversas faces na arte contemporânea

Sob o conceito de *vanitas*, a vaidade é representada pelas pinturas de gênero, que fizeram parte das expressões artísticas do século XVII (fig.1)².



Figura 1: Collier, Evert - Vanitas Still-Life – 1665
Fonte: <http://www.all-paintings.com>

Segundo Schneider (2009), o fato de a burguesia holandesa acumular imensas riquezas levou a Igreja a difundir a ideia de que os bens materiais não significavam nada mais que a vaidade. (SCHNEIDER, apud WITECK, 2011 pág. 7).

A vaidade é um tema que acompanha a arte desde 1600. Os artistas seiscentistas utilizaram do tema e da bíblia para o processo de criação de suas obras, repleta de símbolos que marcam a fugacidade do tempo e segundo A.J.BRANDÃO (2010, p.01) nos remete ao fato de que não

² Disponível em: Antônio Jackson de Souza Brandão, escritor do Jornal Digital Língua e Literatura. <http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/lljournal/article/view/667/910>. Acesso em 09/04/2013.

levaremos nenhum bem material para o pós-vida. De lá pra cá restou apenas seu valor simbólico, transformando-se hoje em algo distante e perdido em meio à rotina do cotidiano. Não pensamos mais no pós-vida e o comportamento do indivíduo tem se deixado levar pelo excesso de sensações e informações recebidas a cada dia, indo em direção à alienação e futilidades.

Na arte, a vaidade é tema tratado até os dias de hoje, pelos artistas de maneiras diferentes, sendo críticos ou não em relação ao assunto, mas ainda assim um assunto que não sai do campo das operações artísticas.

Usando a arte como ponto de partida para a representação da sociedade e seu momento vivido, apontamos obras de artistas de extrema importância na contemporaneidade que tratam o tema “Vaidade” de diversas maneiras, como Sylvie Fleury, Marina Abramovic, Stephan Doitschinoff, Julia Haw, Sarah Bereza e Marilyn Minter.

Segundo uma entrevista do site Glossom, para a artista Sylvie Fleury, o tema da vaidade é tratado com a seguinte citação: “Você é o que você compra”, apontando o consumo como o maior meio de vaidades nos dias de hoje. No trabalho intitulado “Yes to all” (fig.2), nota-se a necessidade de que tudo seja rápido, grande e melhor, relacionado com o egoísmo e submetendo-se a todo o mercado de consumo e das grandes marcas.



Figura 2: Fleury, Sylvie - Yes to all – 2010
Fonte: Site oficial - www.sylviefleury.com

À obra “Yes to all” (figura 2) de Fleury, podemos agregar as palavras-chave: luxúria, poder, dinheiro, estética, consumo, exibição, prazer. Sabe-se que nada do que consumimos na terra será levado para o pós vida, então por que continuar consumindo e desejando intensamente, a ponto de causar sofrimento relacionado ao fato

de não adquirir um item que nem ao menos é fundamental para a subsistência humana?

De acordo com a época que remonta as pinturas de gênero seiscentistas, o dinheiro seria o que desagradaria Deus e que através do dinheiro, o indivíduo estaria escravizando-se e adorando às forças do mal, tornando-se então, símbolo da cobiça, luxúria, fortuna, ostentação e riqueza. De tal forma, estaria privando-se da graça divina, a quem teria abandonado para viver uma vida de prazeres do mundo terreno³.

Marina Abramovic, na obra "The Kitchen" (fig.3), uma série de fotografias feitas numa cozinha de um antigo convento, usa da representação do crânio humano, símbolo da *vanitas*, numa cozinha coberta por azulejos antigos e de sua roupa negra, contrastando com a parede para representar a consequência de uma vida, a morte.

Nesta obra, a artista sentiu a necessidade de falar sobre os tempos em que ela cozinhava com sua avó, mostrando assim, a implacável passagem do tempo e o conflito entre o significado da morte do homem e o significado da morte na vida das pessoas ao redor⁴.



Figura 3: Abramovic, Marina - The Kitchen: Homage to Saint Therese – 2010

Fonte: <http://www.popville.com/2011/04/weekly-art-lens-by-beth-shook-5/>

Marina também trabalhou a vaidade na performance "Art must be beautiful" onde questiona tanto se a arte realmente precisa ser

³ Disponível em: Antônio Jackson de Souza Brandão, escritor do Jornal Digital Língua e Literatura. <http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/lljournal/article/view/667/910>. Acesso em 09/04/2013.

⁴ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=37GtB4hMINY>. Acesso em 02/04/2013.

bonita quanto as imposições culturais e a perturbação dessa beleza. A obra também não se trata da dor física, mas sobre o estado mental que pode advir da dor e como é possível transgredi-lo através da arte ao invés de simplesmente oferecer objetos e ações "bonitas" e fáceis de serem entendidas e aceitas pelo público (KRAUSS, 2009, p.03).

As palavras-chave relacionadas ao trabalho da artista são vida, morte, tempo, limites, corpo, fugacidade, beleza. A artista trata da fugacidade da vida de maneira densa, mas não como perda e sim como um motivo para não se perder tempo na vida e viver intensamente, como resultado visível da ação da efemeridade da vida e de seu triunfo, afinal, o que é a morte senão renascer das cinzas? Já que a morte é viver em um universo paralelo à Terra, então morrer seria renascer, mas em outro lugar.

Em 2010, o artista Stephan Doitschinoff trabalhou em um curta-metragem chamado "Tudo é vaidade" (fig.4), com duas performances. No rosto das atrizes foram pintados crânios, sendo este, elemento central da obra, evidenciando a brevidade da vida. No curta, aponta como é "fácil distorcer posturas consideradas virtuosas perante a sociedade e escolhe atrizes bonitas para refletir sobre a efemeridade da beleza e da carne"⁵.



Figura 4: Doitschinoff, Stephan - Tudo é vaidade – 2010

Fonte: doitschinoff.com

As palavras-chave ancoradas no trabalho do artista são fugacidade da vida, tempo, belo, morte, sociedade, religião. Durante suas pesquisas, o artista descobriu que os ascetas

⁵ Entrevista cedida ao Jornal A Folha em 25 de Novembro de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1011629-stephan-doitschinoff-lanca-curta-tudo-e-vaidade-em-sp.shtml>. Acesso em: 04/03/2013

deixavam ao lado de seus leitos, crânios para se lembrarem toda noite e toda manhã sobre a efemeridade da vida, para não se alienarem com futilidades e aproveitarem seu dia, relacionando, novamente o conceito de *Carpe Diem*.

Já a artista Julia Haw, numa série de pinturas, trata do tema e usa os elementos da "Vanitas" (fig.5) num contexto contemporâneo, de maneira leve e delicada, sem deixar de ser crítica. A obra é uma pintura a óleo, na dimensão de 16x20, onde encontra-se o crânio.

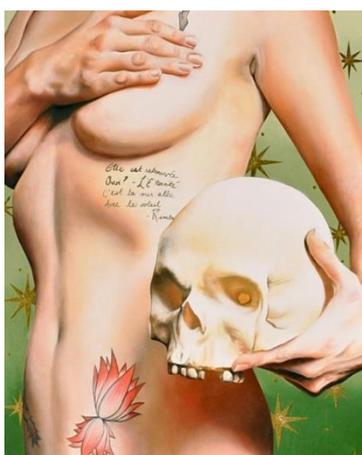


Figura 5: Haw, Julia - Vanitas - 2010

Podemos relacionar o trabalho de Julia Haw com toda a simbologia, o tempo, o dinheiro, o céu, o inferno, a sabedoria, o prazer, a flor, a beleza e a morte.

Na obra da artista Sarah Bereza (fig.6), o tema é tratado com críticas fortes e densas sobre esse momento que vivemos onde a aparência é tudo. A artista faz crítica à vaidade como um templo, como uma religião, que hoje é seguida fiel e fortemente por muitas e diversas pessoas.

Em exagero, temos os devotos da vaidade e o valor está na imagem que você passa. Podemos relacionar o trabalho de Bereza, simbolicamente, com a ampulheta e a rosa, pois o tempo passa e toda essa beleza e imagem vão se acabando rapidamente, tendo como resultado, mais uma vez, a morte.



Figura 6: Bereza, Sarah – Alterpiece - 2006

As palavras-chave que podem ser relacionadas ao trabalho da artista são beleza, supervalorização do corpo, exageros, espelho, narciso, perfeição, valores, imposições.

Marilyn Minter, artista contemporânea americana, usa a vaidade em suas pinturas e fotografias, especificando o tema no erotismo e sexualidade, tendo a figura feminina dominante em seu trabalho (fig.7) encontrados na imagem da língua, que parece lamber bolinhas doces de maneira prazerosa.

O sexo aparece na Bíblia como prazer terreno, sendo assim, apontado como pecado e vaidade, se fora da união conjugal. Nas obras, a artista pode fazer alusão ao sexo, erotismo e à luxúria de maneira densa e prazerosa, não colocando-os como pecado, e aqui, visto como vaidade, já que se trata de uma sensação passageira e unicamente terrena.



Figura 7: Minter, Marilyn - Orange Crush – 2009

Freud viu no narcisismo feminino uma espécie de protótipo do próprio narcisismo. Ícone da imagem dos tempos atuais. Ele fala da verdadeira mulher, aquela que só ama, "estritamente falando, a elas

mesmas, quase tão intensamente quanto os homens a amam”. Não deixa de ser curioso o fato de Freud aproximar as mulheres belas com os assassinos. Afinal, há uma diferença qualitativa entre esses contentamentos. Talvez ele quisesse falar daquilo que nas mulheres ganha potência, que as fazem ceder quase sempre, diante de uma elegia a seus belos dotes, a sedução do brilho do narcisismo: a vaidade da beleza. (FREUD *apud* BITTENCOURT, 2001 pág. 17) Relacionando-se assim com o trabalho de Marilyn Minter.

As palavras-chave relacionadas no trabalho da artista são luxúria, prazer, sexo, desejo, paixão, impulsividade, beleza.

Considerações Finais

Contudo, a vaidade pode ser relacionada pela passagem do tempo dentro de uma perspectiva cronológica que olha do passado em direção ao futuro. Temos: Passado como juventude, beleza, prazer, inocência e inconsequência; Presente como maturidade, tranquilidade, proveito da riqueza, esperança e crença no pós-morte e Futuro como a morte. Sendo assim, permite o uso do trocadilho *Validade*, apontando a fugacidade do tempo, o fim da beleza e, conseqüentemente, a morte, que é imutável para todos os homens.

Essa vaidade, relacionada à passagem do tempo não se limita a arte e, como visto, está mais presente no cotidiano do que o próprio ser humano acredita e pode ver, sendo assim, arte e vida se complementam. Tal efemeridade é a razão e o sentido da vida cotidiana, sendo este um sintoma da sociedade pós-moderna, onde corpo e bens materiais são os meios de comunicação, sendo esta uma vida de aparências. (MAFFESSOLI *apud* SILVA, 2011).

Portanto, a vaidade continuará rondando a sociedade e, conseqüentemente a arte, unindo-se e dando continuidade ao processo cotidiano do ser humano, de uma vida de aparências.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de Frei João Pedreira de Castro, O.F.F. São Paulo: “Ave Maria”, 1988. Edição Claretiana.

BRANDÃO, Antônio Jackson de S. **Iconofotologia do Barroco alemão**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, 2008.

CANTON, Kátia. **Natureza-morta/still life**. São Paulo: MAC USP/Sesi, 2004.

Sites

SILVA, Sandra Siqueira da. **A modernidade e a pósmodernidade**. Uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens. RBSE 10 (29): 372-377, ISSN 1676-8965, Agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>> (arquivo em formato pdf). Acesso em 29 mar. 2013.

CALHEIROS, Luis. **Entradas para um Dicionário de Estética**. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/pers13_4.htm> (arquivo em formato pdf). Acesso em: 10 fev.2013.

KRAUSS, Regina. **A arte deve ser linda, o artista deve ser lindo**: Análise imagética da performance de Marina Abramovic e a questão dos suportes midiáticos. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Krauss.pdf>> (arquivo em formato pdf). Acesso em 14 mar. 2013.

WITECK, Ana Paula Gomes. **Exposições de arte contemporânea dedicadas à Vanitas: um retorno do gênero?**. Disponível em: <<http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo6/artigo02.pdf>>. (arquivo em formato pdf). Acesso em 13 fev. 2013.

BITTENCOURT, Elisabeth. **A vaidade no feminino**. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/142_01.pdf> (arquivo em formato pdf). Acesso em 28 ago. 2013.

WITECK, Ana Paula Gomes. **Vanitas na arte contemporânea**: um estudo iconográfico de obras de Nigel Cooke e Luis Zerbini. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/viewFile/1709/1588>> Acesso em 10 ago. 2013.